

FENOMENOLOGIA

Encontro marcado com a psicoterapia

Jorge Ponciano Ribeiro

Maurício S. Neubern

[orgs.]



FENOMENOLOGIA

Encontro marcado com a psicoterapia

Copyright © 2025 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Preparação: **Samara dos Santos Reis**

Revisão: **Michelle Campos**

Capa: **Delfin [Studio DelRey]**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Diagramação: **Natalia Aranda**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Apresentação	7
<i>Jorge Ponciano Ribeiro e Maurício S. Neubern</i>	
1 <i>Terapia fenomenológica</i>	11
<i>Jorge Ponciano Ribeiro</i>	
2 Visão fenomenológica na escuta terapêutica: o amor e seus significados	33
<i>Rodolfo Petrelli</i>	
3 A clínica da Gestalt-terapia em diálogo com Merleau-Ponty: apontamentos sobre o método	61
<i>Mônica Alvim</i>	
4 Fenomenologia, hipnose e psicoterapia: sobre a democracia do saber	79
<i>Maurício S. Neubern</i>	
5 O legado de Elso Arruda para a fenomenologia: uma obra monumental(mente) esquecida	113
<i>Pedro Luís Tizo Santos e Adriano Furtado Holanda</i>	
6 Elementos da interação terapêutica: por uma fenomenologia da relação	147
<i>Marcelo Tavares</i>	
7 Fenomenologia do fenômeno e a recolocação do logos da intencionalidade para a clareira do ser.	183
<i>Marcos Aurélio Fernandes</i>	
8 Destinos da espiritualidade na clínica psicológica: um modelo conceitual inspirado na fenomenologia.	203
<i>Marta Helena de Freitas</i>	

APRESENTAÇÃO

JORGE PONCIANO RIBEIRO E MAURÍCIO S. NEUBERN

Hoje, escrever um livro sobre fenomenologia pode parecer uma tarefa redundante, considerando a vasta literatura produzida sobre esse tópico nos últimos anos. Associá-la à prática clínica, especialmente à psicoterapia, também poderia sugerir falta de originalidade, dado o extenso desenvolvimento de trabalhos nessa área. No entanto, há uma tradição e um movimento filosófico que, apesar de antigos, continuam muito relevantes, como demonstram suas contribuições marcantes em diferentes países (May, Ellenberger e Angel, 1958). De fato, uma forma de pensar tradicional pode se revelar muito pertinente à contemporaneidade, sobretudo quando se consideram os diversos processos que compõem os cenários de construção de conhecimento em psicologia e psicoterapia.

O primeiro aspecto que motivou os autores deste livro a explorar a fenomenologia e a psicoterapia como instrumento de crescimento humano foi o tecnicismo excessivo. Esse tecnicismo prevalece em universidades, grupos de formação e centros de pesquisa. Debates em que determinadas escolas são rotuladas de pseudocientíficas por não apresentarem resultados em pesquisas baseadas em evidências têm sido associados a movimentos que reduzem a psicoterapia a um conjunto de técnicas, medindo seu valor apenas pela eficácia. Em consequência, ela acaba restrita a uma prática de aplicação, sendo considerada incapaz de constituir um modo de pensar e investigar os processos humanos, e permanece dependente da validação do pesquisador instrumentalista. Não é coincidência que esses discursos proliferam nas redes sociais e universidades, também se refletindo nas mudanças das propostas editoriais de editoras renomadas.

Os autores deste livro veem a fenomenologia de maneira diferente. Eles a entendem como uma proposta de reconhecimento humano, manifestada por meio do legítimo processo do encontro psicoterapêutico. Esse é considerado um aspecto fundamental do nosso estar no mundo. É certo que tal reconhecimento do outro não está

dissociado da eficácia, mas os critérios para sua avaliação podem diferir significativamente quando se compara a perspectiva do pesquisador com a do sujeito.

A proposta de reconhecer o outro a partir de si é relevante na atualidade, destacando-se por sua dimensão democrática tanto entre pessoas quanto entre saberes (Neubern, 2023). O psicoterapeuta, que em nossa visão é também um pesquisador, atua como parceiro do sujeito, em um processo em que ambos são protagonistas e seus saberes vivenciais são mutuamente reconhecidos. A técnica ocupa papel secundário em relação ao vínculo humano, este, sim, constituindo o eixo principal da clínica e da pesquisa. Essa perspectiva faz do psicoterapeuta pesquisador (Romanyshyn, 2021), alguém que necessita voltar-se para si, observar e considerar profundamente o outro, além de refletir sobre os encontros terapêuticos dos quais participa.

A fenomenologia constitui, portanto, um modo de ser e pensar que aproxima em vez de distanciar; que estabelece relações negociadas em vez de controlar; que se situa no estar com o outro em vez de observá-lo externamente (Ribeiro, 2021). Essa abordagem representa também uma proposta ampla para as sociedades contemporâneas. O tecnicismo, fundamentado em separações, *performances*, intervenções e controle, ameaça as possibilidades de consensos sociais com o que é diferente, seja individual ou coletivamente. Além disso, compromete a própria relação com a natureza.

Outro aspecto que motivou a escrita desta obra é a sensibilidade, frequentemente citada como o ingrediente fundamental da prática clínica. Em geral, os estudantes em formação de estágio clínico questionam como proceder diante de um novo cliente, sobretudo quanto às técnicas e aos procedimentos que deveriam adotar.

Os autores deste livro, embora reconheçam os processos de informação e comunicação modernos como meios legítimos de aprendizado, propõem, sobretudo aos estudantes iniciantes na arte da psicoterapia, uma atitude mais reflexiva. Enfatizam a importância de atenção aos processos da relação organismo-ambiente. Principalmente, sugerem abandonar um tecnicismo dissociado da realidade humana, incentivando um olhar atento à relação cliente-psicoterapeuta no aqui-agora de seu aprendizado.

Isso certamente evoca noções importantes de autores consagrados da fenomenologia, como a corporeidade de Merleau-Ponty (2008) e a temporalidade de Minkowski (2005). Afinal, ser sensível remete à vivência do próprio corpo e à possibilidade de estar presente com outro num processo legítimo e engajado, mas também leve e amoroso. Em um mundo com múltiplas frentes que demandam *performances* praticamente infinitas, essas atitudes são relevantes para a clínica, mas transcendem o momento do encontro no *setting* com o cliente: referem-se à própria atitude de vida do psicoterapeuta, capacitando-o não apenas a sobreviver num mundo complexo, como também a saber

viver, como diria Santos (1987). Como afirmava uma antiga supervisora de psicoterapia: “Não se torna terapeuta quem não se torna gente”.

Por fim, outra razão determinante para a escrita deste livro é considerar a fenomenologia uma filosofia no sentido original do termo: “amor à sabedoria”. Essa perspectiva não deve ser interpretada como desrespeito ao pensamento sistemático, até porque alguns dos autores aqui reunidos são filósofos. Contudo, ela resgata a ideia de que a filosofia está encarnada no terapeuta, entrelaçando-se com seu modo de vida e ganhando vida em seu espírito.

Hoje, as construções de sentidos individuais e coletivos frequentemente se distorcem. Muitas universidades, por exemplo, não promovem a construção legítima de conhecimento, mas priorizam a publicação de artigos. Grupos religiosos abandonam a espiritualização de seus membros, priorizando interesses políticos e financeiros. Escolas ensinam aos alunos a importância de terem um bom *score*, muitas vezes dissociado de um aprendizado significativo. Instituições de saúde prendem-se a protocolos de tratamento e lucros, esquecendo-se das necessidades humanas.

Diante de tal cenário, em que o amor e a amizade, no sentido de Binswanger (2008), tornam-se experiências amplamente desconhecidas, a fenomenologia não se propõe a ser redentora ou salvadora de tão dramático cenário social. Entretanto, como práxis de sabedoria, ela impele aqueles que dela partilham a uma atitude de existência disponível para a emergência de sentido. Nossa busca não é a do sucesso, como diria Frankl (2009), mas a de nos dedicarmos a algo mais amplo que envolva ideais que contemplem atitudes além dos limites individuais. Implicar-se numa psicoterapia, desse modo, não significa um mero afazer, mas uma atividade que ajuda o terapeuta e o cliente a pensar sobre o que é importante na vida. Mesmo com quedas, enganos, tropeços e desencontros, essa reconciliação consigo mesmo passa por integrar tais experiências em uma vida que valeu e vale a pena viver.

Referências

- BINSWANGER, Ludwig. *Introduction à l'analyse existentielle*. Paris: Minuit, 2008.
- FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido — Um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MAY, Rollo; ELLENBERGER, Henry F.; ANGEL, Ernest (orgs.). *Existence — A new dimension in psychiatry and psychology*. Nova York: Basic Books, 1958.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 2008.
- MINKOWSKI, Eugène. *Le temps vécu — Études phénoménologiques et psychopathologiques*. Paris: PUF, 2005.

- NEUBERN, Maurício S. "Hypnosis, university, and democracy — An emancipatory proposal". In: NEUBERN, Maurício. S.; BIOY, Antoine (orgs.). *Hypnosis in academia — Contemporary challenges in research, healthcare, and education*. Berna: Springer, 2023, p. 27-52.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. *O ciclo do contato*. São Paulo: Summus, 2021.
- ROMANYSHYN, Robert. *The wounded researcher: research with soul in mind*. Nova York: Routledge, 2020.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1987.

1 TERAPIA FENOMENOLÓGICA

JORGE PONCIANO RIBEIRO

Eis por que fenomenologia, em vez de ser contemplação de um universo estático de essências eternas, vai se tornar a análise do dinamismo do espírito que dá aos objetos do mundo seu sentido.

— André Dartigues, 1973, p. 25

Minha preocupação neste trabalho é tentar apresentar um modelo de psicoterapia — por exemplo, a Gestalt-terapia — que mostre, através da prática, uma forma de relação cliente-psicoterapeuta que seja de fato fenomenológica.

A grande maioria das pessoas converteu-se em caricaturas de humanidade e raramente nossas vidas são vividas em plenitude e em harmonia em nossas potencialidades. A própria discórdia íntima e pessoal do homem esmaga-o sob a incapacidade trágica de relacionar com o outro num espírito de amor e mútua comunicabilidade. (Frick, 1975, p. 17)

É neste contexto que vejo a importância de se pensar uma psicoterapia, neste caso, a Gestalt-terapia, atento ao jeito de ser mundo do homem atual, em que ele, encapsulado nos papéis sociais, políticos, econômicos, vive a *persona* que nele habita, perdendo sua capacidade de responder adequadamente às demandas que a vida moderna exige.

A pós-modernidade, libertando-se das certezas e verdades perpetuadas na modernidade por séculos, gerou um jeito de ser que tem na liberdade suas mais profundas raízes. A liberdade passa a ser filha da subjetividade de cada um; a objetividade esbarra na tirania do prazer, na brevidade da vida, no outro como o desconhecido, o diferente.

Vivemos um mundo de polaridades, como amor e ódio, individualismo e comunidade, dependência e poder, pobreza e riqueza, que, por sua natureza, são situações de vida, mas pela conjuntura contemporânea são relações de profundas tensões de uma

conscientização fechada a qualquer mudança, um jeito de ser sem fronteiras, sem limites, em que o outro é apenas o outro.

É fundamental estarmos atentos a esses problemas existenciais, reais, complexos, enquanto situações de experiências humanas, porque, lançados no mundo, sem saber exatamente o que nos aguarda, cumpre-nos caminhar na direção do amanhã com todas as forças e a sabedoria de um ajustamento criativo, sempre disponível para aqueles que trazem o passado e o futuro para um aqui-agora de suas potencialidades à espera de serem postas em ação. “A negação da experiência talvez seja o nível mais básico da rejeição humana, porquanto denega a composição humana e os aspectos mais íntimos de uma estrutura do eu em constante evolução.” (Frick, *idem*)

Estamos psicológica, emocional e esteticamente em movimento, na certeza de que o deserto pode acabar e será daqueles que, não obstante o cansaço do confronto com a vida, souberam colocar os pés e as mãos no chão. Aqui me lembro de Morin (1990, p. 161), quando diz que “o desconhecido não é apenas o mundo exterior, é, sobretudo, nós próprios” e acrescenta como um lembrete que gera esperança: “O mundo está presente no interior de nosso espírito que, por sua vez, está presente no interior de nosso mundo” (*idem*, p. 127).

Não estamos sozinhos e, em uma visão holística, sabemos que tudo muda, que tudo está ligado a tudo e que tudo é “Um”. Lançados no mundo, a esperança é o lugar no qual a flecha da vida, portadora da ordem e da desordem, mas atenta ao acaso, busca o melhor lugar para ali fazer a vida florir.

A psicoterapia é um momento de rever a vida, passá-la a limpo e encontrar laços perdidos e presentes na nossa história. O agora é filho do passado, das expectativas do futuro e mora no instante, neste presente transiente concreto, em que tudo acontece agora, aqui, ali. A flecha do tempo passa correndo pelo instante como portadora de esperança e de vida, trazendo e, ao mesmo tempo, levando os significados que a vida em movimento e mudança nos apresenta.

Na verdade, não existe um depois, como um depósito que aguarda e guarda lá as nossas decisões. A vida é agora e é agora que o sentido das coisas se mostra à espera de ser captado e produzir mudanças que germinem, silenciosamente, numa relação dinâmica de espaço-tempo.

Estou falando de um jeito de ser no mundo, de uma pregnância que se realiza, a todo instante, consciente e não conscientemente, por meio de ajustamentos criativos que promovem desenvolvimento, criatividade e crescimento e nos permitem a sensação maravilhosa de nos sentirmos vivos, em ação.

Estou falando de uma fenomenologia da existência, de um corpo-pessoa que caminha, existindo através de diferenças, que, nos seus desencontros, encontra a estrada